

**Sobre memória e condutas  
homossexuais: problematizando a  
trajetória de Tom no Pantanal-MS**

About memory and conduct  
homosexual: problematising the  
trajectory of Tom in the Pantanal-MS

**Guilherme R. Passamani**

Doutor em Ciências Sociais - IFCH/Unicamp  
Professor do curso de Ciências Sociais da UFMS  
[grpasamani@gmail.com](mailto:grpasamani@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo é parte das reflexões de minha pesquisa de doutorado sobre a intersecção entre envelhecimento, memória e condutas homossexuais, na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, com pessoas com condutas homossexuais maiores de 50 anos. A partir da trajetória de um interlocutor, analiso a experiência de sujeitos em regiões que não são caracterizadas como grandes centros urbanos, atentando para os diferentes regimes de visibilidade a que estão submetidos, bem como para as mudanças que envolvem o lugar social da homossexualidade. Estas análises destacarão as performances de gênero de Tom (53 anos), no sentido de problematizar o conceito de *closet*.

**Palavras-chave:** visibilidade, gênero, homossexualidade, Pantanal, armário

**Abstract:** The present paper is part of reflections from my doctoral research about the intersection between aging, memory and sexual behavior, in the Pantanal region, in Mato Grosso do Sul, Brazil, with people with sexual behavior, over 50 years old. From the trajectory of an interlocutor, I analyze the experience of subjects in regions that are not characterized as major urban centers, pointing to the different visibility policies to which they are subjected, as well as changes that involve the social place of homosexuality. Such analysis will highlight the gender performances of Tom (53 years old), in the sense of problematizing the concept of *closet*.

**Keywords:** visibility, gender, homosexuality, Pantanal, closet

## Introdução

Este artigo é parte de uma investigação recém-concluída no Doutorado em Ciências Sociais do IFCH-Unicamp e problematiza a intersecção entre envelhecimento, memória e condutas homossexuais em duas cidades de pequeno e médio porte da região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, nas cercanias da fronteira com a Bolívia. O universo de interlocutores é composto por 17 pessoas com condutas homossexuais (homens, mulheres e travestis) entre 52 e 82 anos, pertencentes a diferentes camadas sociais.

Acredito ser importante dizer que o Pantanal é considerado uma das maiores extensões úmidas contínuas do Planeta (138.183 km<sup>2</sup>). Ele demora-se por boa parte do centro da América do Sul, nos territórios do Brasil e da Bolívia. Segundo Lúcia Salsa Corrêa e Valmir Batista Corrêa (2013), a artéria principal de sua extensa malha fluvial é o Rio Paraguai, que banha as cidades de Corumbá e Ladário, entre outras.

No Brasil, o Pantanal é um dos mais ricos ecossistemas e está presente nos estados de Mato Grosso (35%) e Mato Grosso do Sul (65%). Como se trata de uma região cuja biodiversidade é muito importante não apenas para o Brasil, mas para toda a América do Sul, o Pantanal foi definido pela UNESCO como Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera.

Eventos importantes da história do Brasil tiveram lugar na região do Pantanal, especialmente na cidade de Corumbá. A região foi palco de disputa na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, no século XIX (1864-1870) e no começo do século XX foi o destino final da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, um dos principais empreendimentos ferroviários do país e o principal do Centro-Oeste.

O popular Trem do Pantanal partia de Bauru em São Paulo e chegava a Corumbá, depois da alteração do traçado original que o levaria até Cuiabá. Também é de se destacar que Corumbá e região receberam a Comissão Rondon (1900-1917) e a instalação do telégrafo (1904) no começo do século XX, facilitando a comunicação com as regiões mais centrais do país<sup>1</sup>.

O comércio facilitado pelo porto de Corumbá, bem como as fazendas de gado no Pantanal e, posteriormente, a exploração dos minérios na região, foram seus

alavancadores econômicos. Aliás, o porto de Corumbá, ainda nos finais do século XIX, era um centro portuário importante para o comércio fluvial de importação e exportação. Havia no Casario do Porto uma variedade de estabelecimentos comerciais, bem como os navios que ali chegavam tinham como origem diversas cidades do continente americano e algumas capitais europeias. Segundo dados do IBGE, em 2015, Corumbá tinha uma população estimada de aproximadamente 108 mil habitantes e sua economia fortemente ligada à exploração de minério, à pecuária, ao turismo, ao comércio e aos serviços de maneira geral<sup>2</sup>.

A outra cidade na qual minha pesquisa está assentada é Ladário. Ladário é hoje uma cidade com pouco mais de 20 mil habitantes. Tem sua história muito ligada à Corumbá. De maneira geral, informalmente, pensa-se Corumbá e Ladário como uma conurbação, uma vez que as cidades estão distantes apenas 6 quilômetros.

A importância da cidade de Ladário está muito associada à presença do Sexto Distrito Naval da Marinha do Brasil na cidade. Ladário, assim, tem uma relação bastante próxima com a Marinha. O imaginário da região é muito influenciado pela presença dos marinheiros e as relações culturais foram sendo alteradas à medida que os diferentes sujeitos que compõem a armada começaram a contatar com os moradores da região.

Até aqui, fiz uma contextualização do espaço onde desenvolvi minha pesquisa. Antes de me deter nas questões propostas, preciso esclarecer que ao longo do texto, vou utilizar a expressão “condutas homossexuais” para me referir aos meus interlocutores. Acredito que sejam necessários alguns esclarecimentos iniciais a este respeito. Este é apenas um recurso para tentar aproximar uma série de categorias muito dispersas entre si e tratá-las em seus próprios termos. Utilizo este recurso, pois estou lidando com informações acionadas por meio da memória e que falam, algumas vezes, de tempos que não são o presente e o que me é contado carrega uma fluidez grande no que atualmente compreendemos como orientação sexual e identidade de gênero.

Esta fluidez faz com que entre a figura da *bicha* e da *travesti*, por exemplo, ou entre a figura da *travesti* e do *homem* existam rupturas e permanências que não casam exatamente com as compreensões contemporâneas construídas para tornar inteligíveis estas categorias. Por esta razão, a utilização de condutas homossexuais pode ser útil para tratar e nomear esta diversidade, temporariamente, em seus próprios termos<sup>3</sup>.

Ao falar em condutas homossexuais, estou fazendo uma referência às pesquisas de John Gagnon (2006). Para ele, as condutas sexuais seriam atos que exigiriam desenvolvimento da criatividade, amparadas por aspectos culturais mais amplos, fantasias individuais e códigos que permitiriam algum grau de interação social. Ou seja, há nas condutas sexuais uma dimensão simbólica considerável.

Em vista desta dimensão simbólica das condutas sexuais é que se torna possível pensar, como ele faz desde a teoria dos roteiros sexuais, em uma articulação entre comportamentos individuais (no universo micro) e relações sociais mais amplas (no universo macro). Segundo Gagnon, tomando como referência uma crítica de Ernest Burgess a Alfred Kinsey<sup>4</sup>, sobre a “natureza” social dos comportamentos humanos, ele conseguiu explicar a importância e relevância da discussão sobre condutas sexuais.

A explicação de Gagnon seguia o seguinte raciocínio: se todo o comportamento humano é social, não há possibilidade de existir um “comportamento sexual biologicamente nu”, mas sim uma “conduta sexual socialmente vestida”. Portanto, a utilização que ele faz de condutas sexuais é no sentido de pensar os comportamentos sexuais constituídos socialmente.

Através de uma metodologia qualitativa, envolvendo a observação de situações, entrevistas semiestruturadas e conversas informais, procurou-se analisar trajetórias, curso da vida, perfil sociológico, entre outras características destes sujeitos. Descreve-se, assim, a complexa engenharia a edificar as relações e práticas entre as pessoas com condutas homossexuais que criam ou tensionam marcadores de diferença social.

Entre as questões mais recorrentes no campo está a discussão sobre temporalidades a partir da contraposição entre experiências passadas e presentes; regimes de visibilidade com os quais os sujeitos estão dialogando; e o modo como o curso da vida, particularmente, juventude, envelhecimento e velhice podem ser representados e experienciados em contextos urbanos distantes das grandes cidades.

Faço um pequeno parêntese para dizer que quando me refiro a regimes de visibilidade das condutas homossexuais, estou pensando em uma série de códigos e valores que se impõe como uma espécie de gramática de como os sujeitos podem

parecer visíveis em relação à orientação sexual e a identidade de gênero, por exemplo, na vida em sociedade, sem sofrer consequências por isso. Relacionar-se com estes regimes de visibilidade exige a utilização de uma série de estratégias de gestão desta visibilidade. Neste texto, por exemplo, há uma variedade de experiências de Tom, algumas categorias de enunciação dele para referir-se a si mesmo e, também, diversas estratégias de gestão desta visibilidade.<sup>5</sup>

Por fim, é preciso apontar que as cidades de Corumbá não possuem um “circuito GLS” nos moldes daqueles encontrados nas grandes cidades, especialmente do sudeste do país, portanto são estabelecidas formas alternativas de aproximação, sedução e “paquera” entre as pessoas com conduta homossexual na cidade. Geralmente, estes espaços são estabelecidos, cuidadosamente, nos meandros de espaços de sociabilidade para o público heterogêneo. Por outro lado, é oportuno lembrar que a alteridade de Corumbá e Ladário mesmo se tratando de cidades de fronteira internacional, não é a Bolívia, mas sim o Rio de Janeiro, de onde vêm os marinheiros e toda uma cultura que desperta grande interesse na população local.

Feitas estas pontuações iniciais, este artigo procura pensar de forma mais detida sobre um interlocutor de minha pesquisa. Nesse sentido, pensar a trajetória de Tom (53 anos) pode ajudar a compreender como, em uma cidade com pouco mais de cem mil habitantes, podem coexistir diferentes regimes de visibilidade. Eles coexistem no tempo e no espaço, mas também, nestas mesmas dimensões, podem ser transformados e pensados desde outros ângulos, pois, no meu entendimento, eles seriam resultantes de uma série de categorias em articulação que, de maneira interseccional, particularizam um pouco mais a experiência de cada um dos sujeitos (Piscitelli, 2008, Moutinho, 2014). A trajetória de Tom me parece exemplar, em grande medida, por conta de seus trânsitos da invisibilidade à visibilidade e por algumas estratégias empreendidas para borrar esses limites quando fora oportuno. Assim, o interlocutor joga com essas fronteiras em diferentes momentos e contextos de sua vida, o que pode nos ajudar a pensar as complexidades de cidades que não são metrópoles e que estão situadas muito distante dessas.

### **Tom: estratégicas memórias da “saída do armário”**

As primeiras informações que tive de Tom (53 anos) recuperavam sua trajetória

no mundo do trabalho. Atualmente ele é funcionário público municipal, mas já trabalhou em banco, restaurante, loja e outras empresas. Esta vida de trabalho é acionada por ele para justificar suas origens sociais, isto é, para me dizer que diferente de *muita bicha* que tem *as costas quentes*, ele precisou *ralar muito*, pois nunca *ganhou nada de graça*. Hoje, no entanto, considera-se realizado na profissão. Sua condição atual, segundo ele, não é das melhores, mas pode ter uma *vida boa*, ainda que regrada do ponto de vista financeiro. Tom é branco, pertence às camadas médias, é natural de Corumbá e reside na periferia da cidade. Ele tem mais dois irmãos, um homem e uma mulher. Ambos mais velhos. Diz-se católico não praticante.

Pude observar em nossos encontros, que ele se preocupa bastante com o visual. Os cabelos tingidos, em mexas loiras, chamam a atenção, bem como as “roupas joviais”, tais como, camisetas coloridas e justas ao corpo, bermudas *jeans* longas e tênis. Isso compõe o que ele chama de *jeito jovem de ser*. Outro ponto que merece destaque é sua ligação com o mundo das tecnologias de comunicação. Tom está conectado à *internet* de maneira constante. Redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, ou aplicativos de *pegação* como *Scruff*, *Grindr*, *Hornet* e *Tinder* são acessados a todo instante, a ponto de ser necessário disputar a atenção do interlocutor com estas ferramentas.<sup>6</sup>

Tom me conta que, hoje em dia, é muito mais fácil encontrar seus *homens* com a ajuda destas ferramentas, até porque, segundo ele, o tempo de *preconceitos mais fortes* teria passado. *A cidade hoje é diferente* e há *muitas possibilidades* de encontrar pessoas, sem necessariamente, ser *discriminado e humilhado* por tais circunstâncias. O tempo atual, em que o interlocutor visualiza estas transformações, contrasta com o tempo de vinte ou trinta anos atrás, quando ele decidiu *assumir* sua *homossexualidade*. Naquele momento, com, mais ou menos, 25 anos, ainda era uma decisão difícil a de encarar a sociedade sendo uma pessoa reconhecida publicamente com conduta homossexual.

Diferente dos casos de outros interlocutores de minha pesquisa, Tom passou por um processo de “assumir-se”. Este processo não foi, segundo ele, nem fácil e nem rápido. Exigiu algumas estratégias, observações, medos, silêncios, pois em seu círculo de relação, mesmo entre algumas pessoas de sua família, existia preconceito com outras pessoas com conduta homossexual da cidade. Nesse sentido, ele temia que a recepção da informação não fosse a mais positiva. Na trajetória contada de Tom, cabe a problemática do “armário”, discutida por Eve Sedgwick (1998).

Por que penso que há a relevância do “armário” na história de Tom? Porque havia a necessidade do estabelecimento de uma “vida dupla”. A vida para a família e amigos. E a vida para as conquistas eróticas e sexuais, quase sempre, muito secretas. Além disso, esta condição causava certo sofrimento e opressão ao interlocutor. Sem contar em confusão e culpa, uma vez que pessoas com condutas homossexuais eram muito pouco visíveis na cidade – quando existiam – e não apontavam, exatamente, para a forma como o interlocutor se compreendia. Ele lembra de existirem algumas *travestis* e *homens quase mulheres* e tais sujeitos performavam formas de se apresentar socialmente que não condiziam com as suas expectativas.

Há ilações possíveis entre estas informações e as conclusões de alguns trabalhos que problematizam trajetórias de sujeitos com condutas homossexuais em outros contextos. Quando, por exemplo, disserta sobre os diferentes regimes de visibilidade que transitam da “homossexualidade” à “gaycidade” na Buenos Aires da segunda metade do século XX, Ernesto Meccia (2011) mostra como o encontro entre pessoas do mesmo sexo tinha um caráter “clandestino”. Mais que isso, que este caráter “clandestino” foi, durante décadas, algo “normal”.

Diferente de outros dos meus interlocutores, Tom esteve inseguro no que diz respeito a “assumir-se” ou não. Nesse sentido, entre alguns interlocutores, havia uma dimensão clandestina nas condutas homossexuais na região do Pantanal. Durante o carnaval, porém, a situação era diferente, bem como durante as festas particulares em casas quase isoladas. Quer dizer, o espaço público e, principalmente, “à luz do dia”, permaneciam privatizados pelas condutas heterossexuais.

A visibilidade da “homossexualidade” pode ter sido um problema no Pantanal. E arrisco - a partir das informações de Tom – a pensar que algumas visibilidades poderiam ser mais problemáticas que outras na região. Quem sabe, esta possa ser uma particularidade do lugar. No caso dos homens com conduta homossexual, aqueles bastante afeminados, ou mesmo as travestis, não causariam tanto “espanto”, pois estes sujeitos marcariam de forma muito visível, em seu corpo, a diferença entre uns e outros: homem com conduta heterossexual e macho é assim; homem afeminado e com conduta homossexual, ou travesti é assim.



Os mundos, ainda que hierarquizados, estariam divididos e uma “heterossexualidade” hegemônica resultaria preservada. O problema se imporia, desde o momento em que os homens não fossem mais *tão* afeminados e nem “inventassem de querer ser mulher” porque aí se borraria a fronteira. Deixariam de existir os limites rígidos entre uns e outros e, por fim, a “heterossexualidade” se veria ameaçada.

Portanto, no Pantanal, é possível que a pirâmide da estratificação sexual proposta por Gayle Rubin (2011) tenha sofrido algumas alterações e as travestis ou “gays afeminados” não ocupassem os lugares mais depreciativos. Estes lugares poderiam, justamente, ser ocupados pelos “homens gays” mais discretos, mas ainda assim, identificados como “homossexuais”, como se eles não tivessem tido a “coragem” de serem *gays autênticos*, seguindo uma lógica local: ou afeminado ou travesti. Constituindo assim uma indiferenciação – bastante pontual e localizada – entre orientação sexual e identidade de gênero. Era como se “gays afeminados” e travestis fossem etapas diferentes de um mesmo “gradiente de bichice”.

O cuidado com a visibilidade, no caso de Tom, também tem a ver com sua condição socioeconômica. Embora não fosse de uma família rica, era de uma família trabalhadora e conseguiu ascender socialmente. Portanto, condição socioeconômica e sexualidade conversam de perto e produzem uma tensão. Esta tensão inibiria algumas práticas eróticas e sexuais e colocaria alguns desejos nos limites das “reservas”, isto é, o “conta-gotas da visibilidade” poderia, no caso específico de Tom, ser regulado, entre outros fatores por sua condição socioeconômica. Em outras palavras: ele não poderia *ser mulher*, como diz, porque tinha o que *perder*.

Em um estudo muito interessante, Steven Seideman (2002) mostra como teria sido o curso de uma política de visibilidade das condutas homossexuais nos Estados Unidos entre os séculos XX e XXI. *Grosso modo*, na sociedade estadunidense, ele aponta a existência de uma tensão entre o reconhecimento pela diferença e o reconhecimento pela igualdade. Parece que a tendência é uma perspectiva assimilacionista, que promoveria a visibilidade de uma pessoa com conduta homossexual facilmente associada a uma de conduta heterossexual<sup>7</sup>.

Vejo como interessante nos apontamentos do autor, e que dialoga com minha investigação, as suas considerações sobre as possíveis relações entre visibilidade e

condição socioeconômica. Embora ele acredite na importância decrescente da noção de “armário” e “saída do armário”, Seidman assinala que o “assumir-se” teria sido um entrave maior para aqueles sujeitos pertencentes a camadas menos favorecidas, em vista da interdependência econômica, em primeiro lugar, familiar. Situação esta que não seria tão premente nas camadas médias, por exemplo. Em meu campo ocorre, justamente, o contrário. Nas camadas populares haveria uma maior facilidade em “assumir-se” já que, como dizem os interlocutores, não haveria muito o que perder. Fato que levaria os interlocutores das camadas médias e altas a repensar tais decisões.

No caso de Tom, até chegar a um patamar de quase completa visibilidade, a estratégia utilizada foi a de primeiro conhecer a *vida gay* em outras cidades, como Campo Grande (a capital do estado) e Rio de Janeiro, onde viviam alguns amigos também com conduta homossexual. Andar por estes lugares, conhecer os espaços de sociabilidade do chamado “mercado GLS”, conhecer diferentes pessoas com conduta homossexual permitiu ao interlocutor entender melhor o que se *passava* com ele e sedimentar algumas certezas no que diz respeito a sua orientação sexual. Depois de um tempo de reflexão, de volta ao Pantanal, Tom, então, “assumiu” que era *bicha mesmo* e começou uma vida *fora do armário*.

### **Trânsitos, visibilidade: o “assumir-se” como *pintosa e caceteira***

As “idas e vindas” de Tom são diferentes de um processo migratório das *bichas* das pequenas cidades para os grandes centros. O verdadeiro “êxodo” que alguns trabalhos propõem como destino manifesto para as pessoas com condutas homossexuais nascidas nas pequenas cidades, parece não se aplicar a este interlocutor. A “diáspora” que envolveria as pessoas com conduta homossexual não tem vez neste recorte. Tom e os demais interlocutores de minha pesquisa, mais do que migrar, transitaram por alguns grandes centros, experimentando aquela diversidade, e aparente liberdade, inexistente na cidade de origem, mas retornaram, no caso deles, para Corumbá e Ladário com os “conhecimentos adquiridos” e, ao que tudo indica, com mais “coragem” para desenvolver experiências semelhantes ali.

A partir de nossas conversas, pude perceber que a orientação sexual não teria sido a razão da saída da cidade de origem para a “cidade grande”. Este tema, pelo menos, nunca fora destacado pelos interlocutores, mesmo diante de algumas sugestões feitas

por mim a respeito. As razões apontadas para este trânsito teriam a ver com questões de trabalho e estudo, fundamentalmente. A sexualidade era tida como uma questão menor, diante do que se concebia como central. A volta para Corumbá, assim, seria explicada a partir da finalização dos estudos, ou do não sucesso no mundo do trabalho. Não foram poucos os interlocutores que apresentaram como motivos para retornar ao Pantanal a dificuldade de adaptação na cidade grande, ainda que reconhecendo uma maior facilidade no que diz respeito às trocas eróticas e sexuais.

Alguns trabalhos de intelectuais que se debruçaram para escrever sobre “a história da homossexualidade no Brasil do século XX” (Green, 2000; Trevisan, 2000, etc.) em suas pesquisas – parte delas pioneiras em suas áreas e muito importantes para os primeiros passos deste campo de pesquisa – acabaram construindo um imaginário de que era decisivo um processo migratório para os grandes centros urbanos do país, fundamentalmente no Sudeste, para o exercício pleno da “homossexualidade”.

Tais trabalhos, quem sabe, porque algumas “fontes” assim documentavam, colaboraram para edificar a ideia de que no interior, nas cidades menores, nas vilas e lugarejos, as práticas sexuais entre pessoas com conduta homossexual seriam atos, contundentemente, reprováveis. Estas investigações, algumas delas, de muito fôlego, inclusive, não estão equivocadas. Meus dados de campo, por exemplo, mostram situações de medo, de preconceito, de controle e vigilância. No entanto – e parece que isso era desconhecido destas pesquisas – há uma série de histórias sobre a resistência destes sujeitos que estão na pequena cidade.

Nesse sentido, acredito que alguns destes trabalhos devem ser olhados com cautela quando problematizam estas questões e deve ser tomado um cuidado com a devida contextualização temporal do mesmo, justamente porque os processos são dinâmicos e a complexidade regional do Brasil é de se destacar. Não deveríamos tomar estes dados como “verdades absolutas”.

No entanto, este parece ter sido o caminho adotado por muitos trabalhos, inclusive alguns de minha autoria (Passamani 2009, 2011). Porém, quando nos debruçamos para olhar para além dos grandes centros, é possível ver sujeitos, como os que compõem o campo desta pesquisa, que não migraram, e que produziram estratégias possíveis de existência e resistência como pessoas com conduta homossexual na cidade

de origem, ainda que com uma gama de adversidades.

Parte das estratégias adotadas pelos sujeitos são contadas por Tom a partir de sua experiência. O interlocutor lembra que, antes de “assumir-se”, já teria dado algumas pistas à família, bem como à cidade de que poderia ser uma *bicha*, pois ele já estava muito envolvido com o carnaval. Este é um fato curioso. Alguns interlocutores contam que o simples envolvimento com o carnaval, no que eles chamam de *tempo de antigamente*, era, sim, *dar pistas de que se era bicha*. Tom lembra que: *eu já desfilava. Naquele tempo, se você desfilava no carnaval, é claro que você era viado. Mas eu não assumia e nem dava essa pinta que dou hoje. Mas todo mundo sabia. Homem-homem não desfilava.*

Um pouco antes do primeiro desfile no carnaval, o interlocutor começou a perceber mais fortemente alguns desejos por garotos. Entre 15 e 16 anos experimentou a primeira relação sexual com outro homem. O garoto era amigo de seu irmão mais velho e Tom o considera seu *primeiro namoradinho*. Tom diz que o rapaz *não era gay, ele era homem*. A relação não era exatamente igualitária. Segundo Tom: *eu namorava, eu gostava. E ele só queria me comer*. Estas primeiras relações e estes casos eventuais com amigos dos seus irmãos, ou vizinhos, nunca foram sistemáticos ou sintomáticos para que ele decidisse, naquela época, *assumir-se*. Tom revela que pensava nestes desejos como próprios de uma *fase de experimentação e descoberta da sexualidade*. Algum tempo depois, pensava ele, *isso passaria* e ele se *envolveria com alguma mulher*.<sup>8</sup>

Seus primeiros envolvimento com os *homens* se aproximam do que fora esboçado no modelo hierárquico proposto por Peter Fry (1982), isto é, o *amigo hetero* do irmão *comia a bichinha nova*, sem com isso comprometer nem sua “heterossexualidade”, nem sua masculinidade. Por outro lado, pensar a conduta homossexual como uma fase é algo recorrente em outras investigações. Quando eu pesquisei um grupo de jovens com condutas homossexuais na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, esta era uma ideia muito presente. A “homossexualidade”, para eles, era vista, no final da adolescência, como uma fase de experimentação até “decidirem” pela “heterossexualidade”. No entanto, a *fase gay*, com diziam alguns, permaneceu e não teve volta. Tal situação, parece ter sido a percebida por Tom no Pantanal (Passamani, 2011).

Meu interlocutor volta à infância para mostrar que, desde tenra idade, sentia *coisas diferentes pelos meninos*. Para ele, naquela época, é que residiriam *as raízes* de uma

suposta orientação sexual que ele daria *vazão*, aos 25 anos:

Acho que desde pequeno, na verdade. Eu acredito que desde pequeno, porque eu sou cinco anos mais novo que meu irmão mais velho. Eu não tinha muita amizade. Eu brincava muito com menina, sempre. Eu brincava muito com menina, sempre brinquei muito com menina. Então, eu acredito que esteja aí. Eu tive uma infância diferente dos outros meninos. Porque meu irmão não deixava eu brincar com ele. Aí, as únicas que tinham por perto eram meninas. Eu só brincava com menina. Mas a homossexualidade nunca foi um problema. Eu acho que não foi. Porque quando eu assumi a homossexualidade, eu já era bem resolvido, já era resolvido. Eu só não acreditava em certas coisas, que um homem pudesse gostar de outro homem (Tom, 53 anos).

Há algo curioso na fala de Tom, à parte da explicação para uma suposta “natureza homossexual”. Ele conta que achava impossível a relação de afeto entre *dois homens*. Para ele, o encontro entre duas pessoas de mesmo sexo biológico seria apenas para contatos sexuais. Tal percepção, parece-me, foi sendo alterada ao longo do curso da vida, pois ele, inclusive, teria se relacionado por mais de 15 anos com outro homem.

Esta passagem de Tom apresenta uma clara separação entre desejo sexual e amor. Isto nos permite pensar que quando o vínculo existente entre os sujeitos é aquele que envolve apenas a dimensão sexual (atos, práticas, relações) não é nem necessário nem oportuno se nomear “homossexual”, já que o binômio homem/mulher não seria posto em questão, mesmo que o “sexo” ocorresse entre dois homens, mas com performances bem definidas, reproduzindo um “modelo” heterossexual. A situação se alteraria quando o vínculo passasse a envolver também a dimensão do afeto, algo como a existência do amor romântico. Nesse momento, quando houvesse uma relação de afeto, é que a necessidade de nomear-se “homossexual” pareceria importante para os interlocutores.

Como tenho mostrado, Tom vive um tipo específico de relação com a visibilidade. Ainda que se compreendesse como uma pessoa com conduta homossexual, por questões que envolviam o mundo laboral, sua condição socioeconômica e a inexistência de relações de afeto mais intensas, escolheu permanecer “no armário” até os 25 anos. Tal decisão coincide com o envolvimento mais orgânico no carnaval e com a saída de casa, resultando em coabitação com amigos em outro bairro da cidade.

O fato de passar a dividir casa com um *homossexual assumido* fora como que a *saída*

do armário de Tom, já que até aquela altura ele não era “assumido” na cidade. *Morar com a bicha me fazia, automaticamente, bicha também*, conta ele. *E quer saber, melhor assim. Tudo ficou resolvido*. No entanto, diferente do amigo que se *montava de mulber*, ou “estava em travesti”,<sup>9</sup> Tom não nutria este tipo desejo, embora nunca tenha dispensado *aprender a dar pinta*.<sup>10</sup> *Guri, eu sempre gostei de dar pinta*, me diz o interlocutor pondo a mão na cintura. *Sou pintosa mesmo, caceterinha*<sup>11</sup> e *ninguém tem nada com isso*.

Quando Tom “se assumiu” na cidade, ele passou a ter *duas vidas: a vida da rua e a vida do profissional*:

Eu vou assumir o meu lado. Só que dentro do meu serviço, eu quero que as pessoas me respeitem do jeito que eu sou, como profissional, porque eu sempre levei a minha profissão em primeiro lugar e fora do meu serviço ninguém tem nada que ver com isso. Fora, eu sou o Tom que você conhece, hoje em dia. Essa pessoa. Dentro do meu serviço, eu sou o Tom profissional. Foi o que foi. Daí na época do banco, eu fui chamado a atenção por causa da minha postura aqui fora. Daí eu falei: não, aqui fora eu sou o Tom. Daí lá dentro não, lá dentro eu sou o profissional Tom e eu exijo respeito. Isso foi na década de oitenta pra noventa. Final dos anos oitenta, pra época dos anos noventa. Que foi a época do auge do Tom. O auge do Tom que eu falo, é quando eu era conhecido na cidade toda (Tom, 53 anos).

As liberdades conseguidas a partir da estabilidade financeira para ser *pintosa e viver como gostaria* contrastam com o tempo de sua juventude. Daqueles tempos, ele lembra de dificuldades financeiras que o impediam ter uma vida social mais movimentada, como a de alguns amigos da cidade.

Nas lembranças de meu interlocutor, as pessoas com condutas homossexuais, que eram visíveis na cidade, eram sempre pessoas mais velhas. Ele não lembra, em sua adolescência, por exemplo, de outros adolescentes com conduta homossexual. Era tudo *camuflado*, conforme conta:

As pessoas que todos sabiam que eram bichas, já eram mais velhas, tinham suas casas, seus empregos, sua vida já estava organizada. Eles podiam ser mulher, pois não deviam nada pra ninguém e não dependiam de ninguém, não tinha família cobrando. Era visível só para os que já eram assumidos. Estas já morreram. A maioria delas já morreu (Tom, 53 anos).

Tom mostra que havia estratégias para a vivência das condutas homossexuais a partir de subterfúgios que não necessitassem uma visibilidade maior. Ele se inseria neste contingente de pessoas. Seus amigos que fazem parte da rede dos *bomens de quase sessenta*

também. Não é de se estranhar que eles falam com algumas ressalvas sobre a visibilidade.

Por outro lado, a situação é um pouco mais complexa. Homens mais afeminados e travestis, para alguns de meus interlocutores, não teriam como *esconder a homossexualidade*. Deles, era exigida uma visibilidade, ainda que sem qualquer estrutura de proteção, geralmente conferida por uma estabilidade econômica. A afeminação seria esse elemento que os *empurraria* para a visibilidade. Como conta Tom, muitas vezes, estes sujeitos mais afeminados eram também mais pobres e por isso seriam discriminados.

A discriminação não se dava apenas em razão da visibilidade (já que algumas vezes a visibilidade ostensiva acabava por desqualificar, não o sujeito, mas a própria consistência do preconceito, operando de forma a ressignificar a discriminação) de uma conduta homossexual de minoria, mas também por serem pessoas *pobres*. Haveria um encontro de preconceitos.

Ele se considera *pintosa*, mas como conseguiu se inserir no mundo do trabalho em um lugar melhor situado, teria mais condições de se *defender* da discriminação e do preconceito, situação que tornaria outros sujeitos, igualmente *pintosas*, mas alocados em lugares mais subalternizados na estrutura socioeconômica, em flagrante situação de alguma vulnerabilidade. Tom assim me conta:

Eles toleram você dependendo do seu nível social. Eu sou uma pessoa que todo mundo gosta porque eu trabalhei. Eu sempre tive uma posição de destaque na sociedade. Não sei se gostam, ou se toleram. Isso é visível: uns gostam e outros toleram. O maior preconceito é com as pobres e com os travecos. Alguns que são travecos são aceitos na sociedade, porque eles são cabeleireiros. Eles são bem aceitos. Porque eles têm uma clientela. Eles têm a mulherada que eles fazem cabelo e isso e aquilo (Tom, 53 anos).

Algumas páginas antes, eu discuti que a afeminação era um elemento que teria menos possibilidade de atitudes preconceituosas no que diz respeito à visibilidade, pois ela resguardaria o lugar intocável da “heterossexualidade hegemônica” a partir do lançamento de luz sobre lugares dicotômicos e bem marcados.

No ponto trazido por Tom, agora, a questão é um pouco distinta, já que a afeminação, isto é, performances de gênero que fazem alguns homens com conduta homossexual serem reconhecidos como *pintosas* ou mesmo a identidade de gênero das travestis está em relação direta com a questão de classe. Quando olhados desde o ângulo

das performances de gênero, neste caso, associados à condição socioeconômica, há um trânsito rumo a lugares menos nobres na pirâmide da estratificação sexual (Rubin, 2011). Galgar espaços menos desconfortáveis na referida pirâmide estão associados, aqui, com o lugar na hierarquia social.

*A bicha pintosa* que tem um bom trabalho, a *travesti cabeleireira* ou *envolvida com o carnaval*, isto é, que tem uma renda e esta renda não vem da prostituição – este tema ronda todas as falas – estão melhores situadas e conseguem, inclusive, barganhar e conseguir a *tolerância* e, até, quem sabe, o *respeito das pessoas de sociedade*. Em síntese, o que conta o interlocutor é que o preconceito atingiria as pessoas afeminadas e pobres. A condição socioeconômica, em uma condição menos favorecida, ajudaria a potencializar a afeminação como uma categoria discriminável.

### Considerações Finais

Tom, olhando pelo *retrovisor*, conforme dizia, entende que sua vida foi uma vida de *superação*. Superação da pobreza mais flagrante e superação de possíveis discriminações. Ele teria conseguido *vencer*. Entende-se respeitado como é, *sem máscaras e sem sobrenome importante*. Se diz respeitado como pessoa e como profissional, uma vez que *é conhecido* e tem *livre acesso* a todos os lugares da cidade. *Todos sabem que eu sou uma bicha. Que eu sambo mesmo. Que eu sou pintosa e caceteira. Mas que sou muito sério quando tem que ser sério.*

Em linha gerais, este artigo problematizou a trajetória de Tom (53 anos). Ele pertence à rede dos *homens de quase sessenta*, com a qual estabeleci contato durante a etnografia. Eu poderia ter elencado outros interlocutores, mas entendi que as histórias contadas por Tom, ainda que por caminhos diferentes, acabaram me conduzindo a pensar as várias faces dos processos de *coming out* que são construídos pelas pessoas a partir de formas distintas de se relacionar com os regimes de visibilidade em contextos específicos.

Sendo assim, dialoguei com a literatura que fala sobre *closet* na tentativa de ver como estas formulações conceituais poderiam conversar com o meu campo. Mas não apenas isso, a ideia de “regimes de visibilidade” me foi, igualmente muito cara, apontando a necessária atenção que eu deveria ter com os trânsitos operados nos últimos cinquenta anos deslocando e transformando o “lugar social da



homossexualidade” (Carrara, 2005). Em um primeiro momento, quem sabe, eu tenha sido levado a pensar que este era um processo que se operava apenas nos grandes centros urbanos e de lá era irradiado para as demais regiões do país.

Este artigo, nesse sentido, tentou mostrar como em cenários menores, numa pequena cidade, há uma complexidade de estratégias e algumas formulações conceituais ganham significados muito particulares. Os contornos da visibilidade, da afeminação, da masculinidade, enfim, destas performances de gênero em articulação com outros marcadores produtores de diferença social, fundamentalmente, classe, permitem algumas reflexões que complexificam contextos que, *a priori*, poderíamos supor como bastante simples.

Outro elemento que parece destacável é a diversidade de situações com as quais o interlocutor precisou lidar. Não há uma homogeneidade nas performances dos sujeitos e, muito menos, em suas trajetórias. Tentei mostrar no texto, que o fato de haver diversas nuances em sua experiência não inviabiliza uma análise mais conjuntural, pois, ainda que haja um contexto diverso, há possibilidades de aproximações a partir de ângulos distintos.

A trajetória de Tom, iniciada com o que ele entende ser uma *saída tardia do armário*, apresenta a possibilidade de vivência de uma conduta homossexual na cidade do interior no enfrentamento de desafios e ultrapassando as barreiras que, possivelmente, seriam interpostas por preconceitos e discriminações. Há custos, certamente: a exposição, por exemplo. Mas, como diria a canção, *cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é*. Meu interlocutor, talvez, tenha conseguido administrar esta tensão ao longo do curso de sua vida, o que lhe converte hoje em uma sensação de realização e vitória diante de um destino piorado ao qual parecia estar destinado em vista de suas origens sociais.

#### Notas

1. Para uma abordagem mais pormenorizada sobre a região são muito oportunos os trabalhos de Souza Lima (1995) e Machado (2009).
2. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=500320>. Acesso em 06/03/2016.
3. Semelhante possibilidade de resolução foi utilizada por Regina Facchini em sua tese de doutorado. Ver Facchini (2008).
4. Burgess foi um importante professor e pesquisador da “segunda” escola de Chicago. Trabalhou com Robert Park. Sua crítica a Kinsey consistia em afirmar que “o comportamento é sempre moralmente avaliado. Não há comportamento humano sem avaliação moral e, portanto, social (Gagnon, 2006, p. 406).

5. Para outros olhares sobre o debate acerca dos regimes de visibilidade, ver Meccia (2011), Henning (2014), Saggese (2015).
6. Sobre os aplicativos disponíveis em smartphones e relações mediadas pela *internet*, ver Miskolci (2009, 2014). Sobre o *Grindr*, são interessantes as observações de Braga (2013).
7. Estas questões aparecem com maior vagar nas análises de Gustavo Saggese (2015). Sua tese foi fundamental para minha percepção a este respeito.
8. Raymond Berger (1996), no seu estudo clássico sobre envelhecimento de pessoas com conduta homossexual nos Estados Unidos de começo da década de 1980, mostra uma série de casos em que os primeiros desejos são vistos como um momento de dúvida e experimentação, pois os sujeitos ainda têm a conduta heterossexual como matriz de normalidade.
9. Sobre “montar-se” e “estar em travesti”, ver Carvalho (2011).
10. *Dar pinta*, segundo meu interlocutor, é *demonstrar que se é gay, é não ter vergonha de ser bicha*. De maneira geral, esta expressão é própria a pessoas com conduta homossexual mais afeminadas, ou que se utilizam do “exagero” nas performances de gênero, caricaturando o feminino. A pessoa que *dá pinta* é uma pessoa *pintosa*.
11. *Caceterinha* é uma variação de *caceteria*, um sinônimo, entre meus interlocutores do Pantanal, para referir-se à *bicha*. Esta expressão é utilizada, especialmente, para referir-se a *bichas* que têm uma quantidade grande e variada de parceiros.

### Referências Bibliográficas

BERGER, Raymond. **Gay and Gray: the older homosexual man.** (2nd Edition). Binghamton, NY: Haworth Press, 1996.

BRAGA, Gibran T. '*Não sou nem curto*'. Prazer e Conflito no Universo do Homoerotismo Virtual. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). PPGSA UFRJ, 2013.

CARRARA, Sérgio. O Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos e o 'Lugar' da Homossexualidade. In. GROSSI, Miriam Pillar [et al.](org). **Movimentos sociais, educação e sexualidades.** Rio de Janeiro: Garamond. 2005.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima. "*Que mulher é essa?*": identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social: Rio de Janeiro: UERJ, 2011.

CORRÊA, Lúcia Salsa; CORRÊA, Valmir Batista. **A história do Pantanal contada pelo MUHPAN.** São Paulo: Via Imprensa Edição de Artes, 2013.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras:** mulheres (homos)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2008.

FRY, P. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. **Para inglês ver:** identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-115

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo.** Ensaio sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval:** a homossexualidade masculina no Brasil do

Sobre memória e condutas homossexuais:  
problematizando a trajetória de Tom no Pantanal-MS

século XX. São Paulo: EDUNESP, 2000.

HENNING, Carlos Eduardo. **Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: Envelhecimento, Meia Idade, Velhice e Homoerotismo Masculino na Cidade de São Paulo.** Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2014.

MACHADO, Maria Fátima Roberto. **Museu Rondon: antropologia e indigenismo na Universidade da Selva.** Cuiabá: Entrelinhas, 2009.

MECCIA, Ernesto. **Los últimos homosexuales.** Sociología de la homosexualidad y la gaycidad. Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.

MISKOLCI, Richard . O armário ampliado: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Gênero**, v. 9, p. 171-190, 2009.

MISKOLCI, Richard . Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. In. **Bagoas** - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 8, p. 51-78, 2014.

MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 42, p. 201-248, jun. 2014.

PASSAMANI, Guilherme R. **O arco-íris (des)coberto.** Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2009.

PASSAMANI, Guilherme R. **Na batida da concha.** Sociabilidades juvenis e homossexualidades reservadas no interior do Rio Grande do Sul. Santa Maria-RS: Editora UFSM, 2011.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. In. **Sociedade e Cultura: Goiânia**, v. 11, n. 2, 2008.

RUBIN, Gayle. [1984]. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In. RUBIN, G. **Deviations: A Gayle Rubin Reader.** Durham, NC: Duke University Press, 2011.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza. **Entre perdas e ganhos: homossexualidade masculina, geração e transformação social na cidade de São Paulo.** Tese (Doutorado em Antropologia Social). PPGAS. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2015.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemologia del armario.** Barcelona: Ediciones de La tempestad, 1998.

SEIDMAN, Steven. **Beyond the Closet: the transformation of gay and lesbian life.** London & New York: Routledge, 2002.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. **Um Grande Cerco de Paz**. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. A homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.